

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la República
Argentina

“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”

**Entre a luta política e a invisibilidade cidadina:
viveres e práticas homossexuais juvenis no Oeste do Paraná – Brasil**

Robson Laverdi¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Nas últimas décadas, relações sociais constituídas com e a partir de sujeitos de orientação sexual gay têm ocupado outros espaços para além de tradicionais guetos, de auto-exclusão ou não, e ganhado maior visibilidade social e política no Brasil. A atual configuração resulta, entre outros motivos, da multiplicação de territórios e vivências ou pela formulação de pautas e engajamentos de luta por direitos, participação e inserção sociais.

Sob a forma de um depoimento, para o qual recebeu como título *Parada Gay – Apoio à Classe ou ao \$Consumismo Colorido\$???*, publicado no site da Parada Gay de São Paulo, em 12 de junho de 2009, a jornalista lésbica Geli Bertoni (30), assim expressou:

“Pessoas, não falo aqui da minha vida pessoal, mas expesso minha opinião em relação ao interesse financeiro que a Parada Gay gera à Política. Este é um texto que escrevi há dois anos, quando comecei a freqüentar a Parada - não morava em São Paulo antes e era difícil vir para cá. Acredito que muitas coisas não tenham mudado em relação ao que segue. Mesmo assim, com interesse ou não na movimentação econômica que o Evento causa, sorte nossa que temos apoio da prefeitura. Ia escrever sobre a Parada Gay, quando li no Yahoo sobre o apoio dado pelo prefeito Gilberto Kassab. Em suas palavras, afirmou ser este um evento que atrai o maior número de pessoas a São Paulo, no caso, turistas. No ano passado a cidade recebeu 200 mil e este ano, 300 mil visitantes se uniram aos mais de 3 milhões de cidadãos que passaram pela Paulista, segundo a Polícia Militar. Argumentou Kassab que a prefeitura tem feito o que lhe é possível para combater a discriminação aos

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor dos cursos de Graduação e Mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Diretor da Regional Sul da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), Gestão 2009-2010. E-mail: robson_laverdi@hotmail.com. Currículo disponível <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4794564Y1>

homossexuais. Portanto não há como não dizer que este apoio tem por trás um interesse financeiro. Em 2006, de acordo com informações do Yahoo, o lucro que a Parada deu à capital perdeu apenas para o GP Brasil (Grande Prêmio Brasil): R\$ 150 milhões contra R\$ 136 milhões. Para o Terra, a ministra Marta Suplicy afirmou o seguinte: 'O turista gay é melhor pela própria circunstância. Não tem filhos, consegue ter um padrão de vida mais alto. O turismo gay é indispensável no mundo todo. Essa festa é para eles. Temos hotéis e restaurantes lotados'. É positivo o apoio, é agradável ver que o preconceito diminui, seja ele o mínimo ou máximo, mas infelizmente, não podemos sonhar que as pessoas estão melhorando por vontade própria; elas seguem o que a mídia dita e se não fosse interessante para o capitalismo – que enriquece a mídia- não creio que a Parada teria tanto sucesso em relação a apoios. Poderia ter 4 milhões de pessoas, mas se não houvesse consumo, o apoio certamente seria inferior, muito inferior. E creio que para os homossexuais, o apoio é o mais importante, afinal, é para isso que o Dia do Orgulho Gay existe: para que o direito colorido seja consumo aumentou; assim também é com os negros, com as mulheres: para que discriminar se pode lucrar? Essa idéia surgiu durante uma conversa com um grande amigo: não foi o preconceito que diminuiu, foi o lucro que aumentou. Acredito que ainda há muito a fazer para que os homossexuais sejam respeitados, independentes de gerarem dinheiro ou não à sociedade. E que nessa luta, a Parada seja cada vez mais, um sucesso. [...] Meu nome é Geli Bertoni, sou jornalista, lésbica e acredito que há muito a ser tratado pelo universo homossexual ainda. Os valores mudaram, as formas de luta mudaram; hoje talvez com menos violência às quais nossos irmãos da década de 50, 60, 70, sofreram. Porém o caminho é longo e precisamos ser vistos com respeito, como gente, como família. Se a sociedade é preconceituosa, ela que se acostume conosco porque nossa voz só tende a crescer na multidão, seja com interesse financeiro de nossa política ou não. Um abraço colorido a todos os guerreiros e guerreiras deste Movimento e Cultura.'²

O depoimento expresso em sua inteireza, entre outros publicados no referido site, ocupa um espaço público para expressar uma avaliação/opinião a respeito da organização da Parada Gay de São Paulo, que aconteceu em 2009. A manifestação política pública ocorrida na Avenida Paulista, tida como a mais importante localização plantada no centro econômico e financeiro da cidade de São Paulo, reuniu, de acordo com estimativas do movimento gay, milhares de participantes, entre os quais aqueles abrigados no escopo da sigla LGBT

² Disponível em <http://www.paradag.com.br/blog/parada-gay-apoio-a-classe-ou-ao-consumismo-colorido>. Acessado em 28 de julho de 2009.

(lésbicas, gays, e transexuais) e simpatizantes. estimativas em manifestação primeira edição em

Estimativa de público da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo³

Ano	Edição	Organizadores	Polícia Militar
1997	I		2.000
1998	II		8.000
1999	III		35.000
2000	IV	120.000	100.000
2001	V		200.000
2002	VI	700.000	400.000
2003	VII	1.000.000	800.000
2004	VIII	1.800.000	1.500.000
2005	IX	2.500.000	1.800.000
2006	X	3.000.000	2.500.000
2007	XI	3.500.000	
2008	XII	3.400.000	
2009	XIII	3.100.000	

bissexuais, travestis e outros. Abaixo, as números da desde a sua 1997:

Numa rápida números é possível dimensões de que constituem o aglutinado em

atenção aos reconhecer as massa e urbana corpo político torno do chamado

movimento gay, que por sua vez põe-se como organizador da manifestação que acontece em São Paulo desde 1997. Muito menos se podemos ingenuamente deixar de notar suas articulações de interesses econômicos e políticos evidentes na conjuntura brasileira atual. A despeito do tom comemorativo que percorre a construção do depoimento, interessante notar o movimento constituído pela fala da ativista, sob a forma de avaliação, ao ponderar que “os valores mudaram, as formas de luta mudaram; hoje talvez com menos violência às quais nossos irmãos da década de 50, 60, 70, sofreram.”⁴ Nos termos que interessam a esse texto, gostaria de reter essa marcação da ativista, que considera a necessidade de pensar a vida homossexual no plano cotidiano “como gente, como família.”⁵

Os números da participação de público, que se podem constatar como muito impressionantes, podem também contribuir pra invisibilizar dimensões outras da experiência social da homossexualidade, entre as quais a intolerância e violência dela constitutiva.

³ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Parada_do_orgulho_LGBT_de_S%C3%A3o_Paulo#Cr.C3.ADticas. Acessado em 28 de julho de 2009.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

Como chamou atenção Adriano Belisário, na matéria *Falso avanço*, sobre a Parada Gay de São Paulo, publicada no site da Revista de História da Biblioteca Nacional, em 19 de junho de 2009. Nas suas palavras:

*“As ruas lotadas durante as manifestações enganam. Por mais que eventos como a Parada Gay de São Paulo mostrem que há avanços, a intolerância ainda não é coisa do passado. Isto fica claro não apenas em episódios como as bombas e espancamentos no evento da última semana. Mais do que um episódio isolado, este tipo de violência é uma mórbida rotina no país.”*⁶

A despeito de mudanças visíveis nos processos sociais de aceitação da alteridade gay no panorama brasileiro contemporâneo, não se pode descuidar da tendência a generalizações, que por sua vez ficam embutidas no simplista reconhecimento de certo e ativo “mundo gay”. Nas pequenas cidades, em geral marcadas por uma cultura e modos de viver interioranos, longe do anonimato da urbe, vivências cotidianas de jovens gays, social e/ou individualmente assumidos, entrelaçam redes de interação e pertencimento através da afirmação de identidades ambíguas e móveis, engendradas no enfrentamento de valores pessoais e sociais de não aceitação. No plano das experiências vividas, há que se considerar, por um lado, o desejo latente de mostrar-se como um “outro”, diferente dos demais. E, por outro, a insegurança perturbadora da execração pública nos vários lugares da existência social.

No plano dessas experiências e com base numa pesquisa mais ampla com homossexuais, gostaria de trazer para reflexão algumas narrativas de história oral com jovens, assumidos ou não publicamente, que vivem e trabalham em pequenas e médias cidades da região Oeste do Paraná, naquilo que identificamos como vida interiorana. Nessas ambiências os mundos rural e urbano encontram-se muito mais imbricados do que nas grandes cidades brasileiras. Afastados dos grandes centros, onde a vida gay adquire ares de autonomia e anonimato no espaço público, esses jovens constituem um cotidiano – e são constituídos por ele – talvez como plasmasse acima a ativista Geli Bertoni, “como gente, como família.” Não pretendo afirmar, evidentemente, que não haja importância em relação à agenda do movimento homossexual, todavia é preciso compreender que uma visão fixada pela ordem do dia desse movimento não dá conta de entender as tensões e experimentações da assunção homossexual vividas no dia-a-dia dessas realidades cidadinas. Trata-se de uma visualidade da luta homossexual no plano da realidade que pode implicar numa invisibilidade

⁶ Disponível em <http://rhbn.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2462>. Acessado em 28 de julho de 2009.

da experiência cotidiana e relacional que esses jovens constituem noutros espaços, muitas vezes marcados pelo silêncio e outras formas de violência que pairam nessa realidade.

Há que se considerar ainda, de um outro ponto de vista, que a atuação cotidiana desses jovens, muito mais do que a atuação no movimento LGBT, constitui processos ricos de luta e produção social de consciência nestas realidades vividas. É em torno desse campo de compreensão que gostaria de considerar o relato do jovem Gilvan, de 20 anos, que mora em Assis Chateaubriand, uma cidade com pouco mais de 29 mil moradores, numa estimativa feita 2005.⁷

Gilvan nasceu e chegou à juventude morando em Alto Piquiri, município localizado no extremo do Vale do Rio Piquiri, situado no noroeste do estado do Paraná, cuja população atual conta com pouco mais de 11 mil habitantes. Até a idade de 5 anos morou na sede de um distrito rural daquele mesmo município, mudando-se, depois para o campo, juntamente com a família, numa fazenda de criação de gado mais afastada do distrito, onde o padraço, e posteriormente ele e o irmão, tornaram-se funcionários e moraram por aproximadamente dez anos. Importa sublinhar outras situações relativas à sua inserção naquele meio:

“Na fazenda [campo] eu fazia um pouco de tudo. Eu ajudava o meu pai. O meu pai trabalhava na parte de jardinagem, cuidava de uma horta. Daí eu fiquei um período ajudando ele. A minha mãe também trabalhava para o patrão, cuidava da casa dele; ajudava ela também, quando precisava. Depois eu fui trabalhar com os outros caras da fazenda. Eu ia trabalhar no serviço no campo, normal assim, tudo o que vinha o que aparecia eu ia ajudar.”⁸

Na composição do relato uma questão adquiriu maior relevo: o trabalho da memória sobre o seu passado vivido no meio rural. Na narrativa, a explicação sob forma de aposto, “normal assim”, parece indicar o chão de sua experiência como trabalhador rural, numa espécie de subliminar contraposição a imagens e sentidos que permeiam suas relações, de silenciamento de práticas homossexuais naquele meio, imponderáveis ao heterossexismo masculino que experimentara na prática.

“[...] essa fase da minha vida na fazenda foi muito difícil essa convivência porque eu me via no meio daqueles homens trabalhando. No meio de homens se fala tudo, de mulher, não sei o quê, e eu me sentia completamente perdido, totalmente! Meu Deus, o que é que eu estou fazendo aqui? Aqui não é o meu lugar. A vontade que eu tinha era de fugir daquele lugar. Eu

⁷ Entrevista concedida por Gilvan (pseudônimo), 20 anos, Assis Chateaubriand, gravado em 17 de março de 2007.

⁸ Idem.

*não me sentia bem, eu não me sentia feliz, não era o que eu queria pra mim. Nossa! Quantas vezes eu tentava conversar com a minha mãe e falava: mãe, isso não é pra mim.”*⁹ Mudanças anunciadas naquelas relações de trabalho forjaram a saída não planejada da família do meio rural do município de Alto Piquiri. É preciso observar, primeiramente, que a família de Gilvan não era de proprietários rurais, nem tampouco de trabalhadores parceiros ou meeiros, mas de assalariados, pois *“o pesado mesmo, fazer cercas na fazenda, carpir [capinar], o que você imaginar a gente fazia lá na fazenda”*.¹⁰

O modo como relatou a migração para a cidade de Assis Chateaubriand deixa bem claro a pressão que os encurralava à única decisão possível. Em sua interpretação:

*“E daí, o motivo foi que o proprietário da fazenda não estava tendo lucro com a propriedade, daí ele resolveu arrendar a propriedade para plantar soja, [pois] era só gado. Daí com isso ele seria obrigado a demitir os funcionários, já que não precisava mais. Daí o meu pai também foi um dos demitidos. Daí a gente ficou sem rumo!”*¹¹

Cumprido destacar, assim, que o caminho trilhado pela família de Gilvan não partiu de uma opção pelo viver urbano, uma vez que o relato dá conta de uma contingência da realidade que lhes retirava a sobrevivência no campo. Entretanto, diante das possibilidades que se colocavam *“de início eu me interessei em vir pra cá [Assis Chateaubriand], porque eu imaginava que aqui, por ser uma cidade um pouco maior, eu conseguiria um trabalho de repente mais fácil do que em Alto Piquiri ou naquela região lá.”*¹²

Quando a família viu-se *“sem rumo”*, Assis Chateaubriand não aparece enquanto expectativa imediata para a vivência de sua homossexualidade, embora Gilvan tivesse expressado que *“a vontade que eu tinha era de fugir daquele lugar. Eu não me sentia bem, eu não me sentia feliz, não era o que eu queria pra mim. Nossa (!), quantas vezes eu tentava conversar com a minha mãe e falava: mãe, isso não é pra mim”*,¹³ mas, sim, como horizonte de possibilidades para viver e trabalhar. A narrativa de vida na cidade de Assis Chateaubriand foi contada de forma vibrante e intensa:

“Na hora que eu cheguei aqui, em Assis, quando eu cheguei, olhe como a minha vida era... Quando eu cheguei aqui em Assis, eu achei Assis uma cidade grande. Sabe? Eu fiquei encantado. Eu fiquei surpreendido com tudo, com esse movimento, cidade grande, muita gente. Pra você ver, como a gente, como eu vivia isolado do mundo. Aquele lugar ficou

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

*totalmente fora da realidade atual. Que lá você saía primeiro para poder ir para a escola, passava os finais de semana na fazenda, só vivia pro trabalho, pro trabalho e pro estudo. Sabe? Eu não me divertia, não tinha, lá não tinha divertimento, o que a gente tem na cidade, festa, um baile, seja o que for para você se divertir. Não tinha nada”.*¹⁴

No campo das possibilidades encontradas por Gilvan, a pequena Assis Chateaubriand chegou a ser comparada a uma grande cidade. No momento da entrevista, havia dois anos que já estava morando na cidade, onde logo arrumou trabalho num grande abatedouro de aves da vizinha cidade de Palotina. Além disso, foi Assis Chateaubriand que também experimentou pela primeira vez o compartilhamento de sua orientação sexual com outras pessoas, principalmente do meio gay:

*“Nossa! Sempre quis ir para a cidade, para trabalhar, para ter uma vida assim diferente, conhecer gente, gente assim como eu, onde eu pudesse ter amizade, dividir essa experiência, conviver junto. E eu acho que eu não tinha assim, não tinha gays, não tinha lésbicas, não tinha... Pelo menos não aqui [Alto Piquiri], assumido, porque se tinha era muito escondido, porque lugar desse tamanhozinho tem muito preconceito.”*¹⁵

Entretanto, a experiência de vida no meio rural foi aquela que lhe permitiu reconhecer atributos e a produzir significados à vida urbana. Numa contraposição das realidades rural e urbana, a narrativa incorpora elementos valorativos que não se restringem ao pertencimento ao meio gay de que passou a fazer parte. Mas, sim de sua experiência de jovem em meio a relações e outras sociabilidades a que passou a pertencer:

*“Por isso que muitas vezes eu penso... Hoje em dia, que nem os jovens da cidade, que reclamam, reclamam, reclamam. Que nem pra mim que já tenho esta experiência de serviço pesado, de saber como é realmente um pouco da vida. Que para conseguir as coisas você tem que correr atrás tem que soar a camisa. Então eu procuro ir à luta e então pra mim eu acho que eles não têm noção de como é bom a vida na cidade. De como é mais fácil para eles, do que para quem trabalha na zona rural, que é mais difícil, é mais pesado.”*¹⁶

Coincidência ou não, no momento de feitura da entrevista fazia dois anos corridos que Gilvan havia migrado do meio rural de Alto Piquiri para o meio urbano de Assis Chateaubriand. Esta mudança significou, dentre outras coisas, um marco para sua maior clareza em relação à sua orientação sexual: “hoje faz dois anos que eu cheguei à conclusão de que eu realmente queria. Que era o que eu realmente sou. E até durante esse período eu

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

passei por um grande conflito comigo mesmo para descobrir o que eu realmente era”. Por outro lado, é apressado e temerário atribuir ao viver urbano uma responsabilidade mecânica para a definição de sua identidade sexual. É preciso ponderar, entretanto, que a sua narrativa deixa claro que seu pertencimento ao modo de viver urbano não é anterior nem posterior ao reconhecimento e compreensão de sua alteridade. Noutras palavras, são estas narrativas relacionais.

Embora o relato articule em termos gerais um sentido positivador da vida na cidade em detrimento da do campo, em alguns momentos é possível perceber o quanto este processo não está acabado, muito menos desprendido de sua experiência rural. Quando lá vivia, embora tivesse reclamado da solidão, não deixou de ter relações sexuais ocasionais com outros homens, embora não sendo estes homossexuais. Como ele mesmo revelou: “e não foi uma coisa forçada, sabe? Era uma coisa assim, aconteceu naturalmente”.¹⁷

Conquanto a mudança para a cidade lhe tenha permitido, de pronto, arrumar um emprego e a construir uma rede de sociabilidades no meio gay, para seu desencanto a vida afetiva continuava incompleta:

*“Depois que eu me mudei, na verdade aconteceu depois que eu me mudei que eu vim aqui pra Assis, que eu conheci bastante homossexuais. Daí me envolvi com alguns deles porque houve aquela afinidade. Mas não foi uma experiência, até então pra mim, com os homossexuais com os quais me envolvi, não foi sabe? Uma coisa assim, que me realizou cem por cento. Eu senti que alguma coisa faltava, que até então eu só tinha me envolvido com homens heterossexuais e os que eu me relacionei aqui eram semelhantes a mim, não houve aquela afinidade.”*¹⁸

Diferentemente do argumento negativo em relação ao vivido na cidade, Gilvan situou sua vida sentimental na época que viveu no campo com surpresa. “Nossa! Eu me apaixonei por quantas pessoas nesses relacionamentos e, a pessoa como não tinha nenhum vínculo de amor em relação a mim, aí ela não queria mais, ia embora, e eu ficava sofrendo. Sofria muito por isso.”¹⁹ Naquela época, “[...] eu só me envolvia com homens heterossexuais, e era só aquele negócio de sexo, de prazer, não tinha sentimento, não tinha aquele relacionamento, aquela história, aquele caso. Era só, definia só isso, sempre só sexo”.²⁰ Neste sentido ainda lamentou: “quando acontecia de eu me relacionar com algum homem, acontecia. Se aproximava e, com o passar dos dias, ia se conhecendo e acabava

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

acontecendo. Quando via, já tinha acontecido. Mas, era como a gente estava falando, não tinha aquele sentimento.”²¹

Ao olhar para tais existências sociais, atualmente tornadas mais visíveis por meio de práticas e viveres urbanos, buscar-se-á apreender uma historicidade no plano de suas marcações culturais no chão histórico da região Oeste do Paraná. Muitas vezes a orientação gay aparece muito colada aos viveres urbanos, o que evidencia a importância da questão, haja vista reelaborações de práticas mediadas pela experiência rural. Neste sentido, o emprego da História Oral na produção e interpretação de narrativas de jovens coloca uma contribuição enorme para pensar tais dinâmicas muitas vezes invisibilizadas pelas margens de sentido trazidas de outras esferas de experiência, como no caso a luta política homossexual. Ainda que em condições marcadas pela profunda desigualdade e indiferença social, os relatos dão conta de como esses jovens vivenciam as transformações no campo dos valores, mostrando-se ao mesmo tempo em que afirmam, negam e/ou disfarçam suas orientações homossexuais.

Referências bibliográficas

- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GÓIS, João Bôsco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Jan./June 2003, capturado do site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100021, em 4 de fevereiro de 2008.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, nº 34, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História*. São Paulo, PUC, nº 15, 1997.
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

²¹ Idem.

_____. O campo e a cidade na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1990.